

SÍNDROME DA HIPERESTESIA FELINA – RELATO DE CASO

Larissa Schimanski¹

Murilo Viomar¹

Fatima Abou Ghaouche de Moraes¹

Carla Fredrichsen Moya²

RESUMO

A síndrome da hiperestesia felina é uma doença ainda pouco compreendida, normalmente de caráter idiopático, que pode ocasionar vários sinais clínicos, relacionados a sensibilidade extrema em uma área da coluna, quase sempre no dorso do animal. O diagnóstico baseia-se na exclusão principalmente de alterações dermatológicas e neurológicas, e apresenta uma diversidade de medicações como terapêutica. Objetivou-se neste trabalho relatar um caso de hiperestesia felina, em um macho, castrado, de dois anos de idade, que não respondeu satisfatoriamente aos tratamentos convencionais, sendo necessária a implementação de opções terapêuticas integrativas, como aromaterapia e óleo de *Cannabis*.

Palavras-chave: dor crônica; sensibilidade dolorosa; óleo de *Cannabis*.

FELINE HYPERESTHESIA SYNDROME – CASE REPORT

ABSTRACT

Feline hyperesthesia syndrome is a disease that is still poorly understood, usually of an idiopathic nature, which can cause several clinical signs, related to extreme sensitivity in an area of the column, almost always on the animal's back. The diagnosis is based on the exclusion mainly of dermatological and neurological alterations, and presents a variety of medications as therapy. The present study described a case of feline hyperesthesia in a two-year-old male, castrated, which did not respond satisfactorily to conventional treatments, requiring the implementation of integrative therapeutic options, such as aromatherapy and *Cannabis* oil.

Keywords: chronic pain; painful sensitivity; oil *Cannabis*.

SÍNDROME DE HIPERESTESIA FELINA – REPORTE DE UN CASO

RESUMEN

El síndrome de hiperestesia felina es una enfermedad aún poco conocida, generalmente de carácter idiopático, que puede provocar varios signos clínicos, relacionados con una sensibilidad extrema en una zona de la columna, casi siempre en la espalda del animal. El diagnóstico se basa en la exclusión principalmente de alteraciones dermatológicas y neurológicas, y presenta una variedad de medicamentos como terapia. El presente trabajo describe un caso de hiperestesia felina en un macho de dos años, castrado, que no respondió satisfactoriamente a los tratamientos convencionales, requiriendo la implementación de opciones terapéuticas integradoras, como la aromaterapia y el aceite de *Cannabis*.

Palabras clave: dolor crónico; sensibilidad dolorosa; aceite de *Cannabis*.

¹ Discente da Universidade Estadual do Centro Oeste. Correspondência. lari.schimanski@gmail.com

² Docente da Universidade Estadual do Centro Oeste. carlafredrichsen@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A síndrome da hiperestesia felina, descrita pela primeira vez em 1980, é uma desordem ainda pouco compreendida, normalmente de origem idiopática, sendo caracterizada por uma variedade de sinais clínicos, como sensibilidade exagerada ao toque sobre a coluna, perseguição da cauda, morder ou lambar a região lombar, flanco, área anal ou cauda, ondulações na pele e espasmos musculares na região dorsal lombar, que podem ocorrer de maneira espontânea ou provocada por toques leves. Outros sinais são vocalização, episódios de saltos e corridas, alucinações, entre outros. Esses sinais têm sido associados a outros distúrbios, como problemas dermatológicos (como a dermatite alérgica a pulgas), comportamentais (como transtornos compulsivos), ortopédicos (como traumas) e neurológicos (como neoplasias, doenças da coluna vertebral, entre outros) (1, 2).

A investigação diagnóstica de gatos afetados inclui o descarte de todas as outras possíveis causas, como doenças dermatológicas, avaliação de gatilhos ambientais e investigações de dor na coluna. É importante também verificar como o tutor reage a esse comportamento, pois as vezes, na tentativa de tentar interromper a crise, pode levar a níveis crescentes de excitação e piora dos sinais (3).

Tratamentos medicamentosos têm sido usados com graus variados de sucesso para a síndrome da hiperestesia felina. Dentre eles, pode-se incluir os benzodiazepínicos, antidepressivos tricíclicos, inibidores seletivos da recaptação da serotonina, gabapentina, medicações anti-inflamatórias e anticonvulsivantes (2).

Outras opções terapêuticas não medicamentosas envolvem, por exemplo, o uso da acupuntura e aromaterapia, que tem se mostrado eficaz no controle da dor (4). Os potenciais benefícios das terapias não medicamentosas no manejo da dor crônica são enormes, porém subestimados. Faltam trabalhos com relação a esse tema na medicina veterinária, sendo necessário reconhecer suas vantagens. Sendo assim, é sabido que promover um estado emocional positivo pode potencialmente proporcionar analgesia e melhorar o bem-estar dos felinos (5).

Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi relatar um caso de hiperestesia felina, colaborando para o entendimento da doença, as opções terapêuticas e suas respostas, levando em consideração que é uma enfermidade ainda pouco compreendida.

RELATO DE CASO

Foi atendido em maio de 2022, um paciente felino, sem raça definida, de dois anos de idade, castrado, com queixa de disquesia e período transitório de disúria, sendo relatado pelo tutor que há alguns meses havia sido diagnosticado com a síndrome da hiperestesia felina. Veio para uma nova avaliação, pois tentou diversos tratamentos para a doença, sem sucesso.

Na consulta, o tutor relatou que os sinais clínicos apresentados pelo paciente em questão eram tremores na coluna, principalmente região lombar dorsal, e que o animal então saía correndo pela casa após a crise. Ainda, realizava o arrancamento dos pelos da região, normalmente por lambedura excessiva (Figura 1). O tutor citou não haver um gatilho que ativasse as crises, mas notava que mudanças na rotina do animal, mesmo que pequenas, pioravam o quadro. Mencionou ter notado mudanças comportamentais após internação por procedimento cirúrgico para remoção de testículo intra-abdominal, desde então se tornando arisco e medroso, além de pressupor que o uso da roupa cirúrgica provocou os primeiros arrancamentos do pelo por estresse.



Figura 1. Felino, macho, dois anos, apresentando áreas de alopecia/rarefação pilosa em dorso, devido arrancamento excessivo por crises de hiperestesia felina – primeiro atendimento.

Ao ser avaliado, o paciente não possuía mais alterações importantes, onde foi relatado na anamnese um bom estado geral, onde alimentava-se de ração seca e úmida e petiscos esporádicos. Realizava também boa ingestão hídrica e fazia uso de caixas de areia para suas necessidades fisiológicas, sendo um animal bem calmo, quieto e sem comportamentos de agressividade.

Antes de fechar o diagnóstico de hiperestesia felina, foram realizados exames complementares visando exclusão de enfermidades que culminavam com os sinais clínicos apresentados. Realizou-se uma biópsia de pele seguida de exame histopatológico, sem alterações, além de uma radiografia de coluna lombar e pelve, na qual foi encontrada uma degeneração articular degenerativa, principalmente em articulação coxofemoral esquerda. Em conversa com o tutor, o mesmo relatou que o animal não apresenta sinais clínicos da doença e não foi notado resolução das crises após tentativa de tratamento. Foram também realizados exames hematológicos e bioquímicos, todos dentro da normalidade para a espécie.

Após a exclusão de algumas enfermidades que poderiam justificar o quadro clínico apresentado pelo animal, fechou-se o diagnóstico de hiperestesia felina, uma vez que, os sinais clínicos apresentados e a ausência de alterações importantes nos exames complementares eram condizentes com a síndrome.

Dessa forma, foram realizadas diversas tentativas terapêuticas, sendo inicialmente com o uso de cloridrato de amitriptilina 1mg/kg, a cada 12 horas (BID), tornando o paciente muito apático, necessitando suspender o uso. Após, iniciou-se o uso de gabapentina, com ajustes de dose desde 1mg/kg até 10 mg/kg, BID, por aproximadamente três meses, também sem sucesso. Tentado também tratamento com fenobarbital 1mg/kg, BID, sem êxito. Nesse meio tempo, também se fez o uso de Feliway Classic[®] difusor (análogo sintético do odor facial felino 2%, Ceva, São Paulo, Brasil) no ambiente.

O tutor notou uma melhora leve em alguns momentos do tratamento, porém em poucos dias o animal retornava a apresentar as crises e os mesmos sinais clínicos. Foi instituído então o uso de fluoxetina 1mg/kg, BID, com melhora significativa em poucos dias. Porém, com este

tratamento, o animal começou a apresentar retenção fecal e urinária, que são efeitos colaterais comuns com o uso de antidepressivos em felinos, sendo necessário suspender o uso.

Em função dessa situação, optou-se pelo uso de terapias integrativas, inicialmente com aromaterapia com um blend acalmar (com óleo essencial de laranja, lavanda e camomila alemã), BID, em que o animal apresentou melhora somente nos primeiros dias.

Atualmente, o paciente está em tratamento com óleo de *Cannabis* CBD + THC 1% (blend), seis gotas, BID e o cloridrato de sertralina na dose de 1mg, uma vez ao dia (SID). A cada sete a dez dias realiza-se o ajuste da dose do blend, conforme resposta do animal e relato do tutor.

O animal segue em tratamento, com melhora gradativa das áreas de alopecia no dorso (Figura 2), ainda se encontra em observação e monitoramento de forma regular, com ajustes de dose sempre que necessário. O tutor também está realizando enriquecimento ambiental, visando reduzir o estresse e consequentemente as crises, com o uso de brinquedos, arranhadores, fontes de água, entre outros.



Figura 2. Felino, macho, dois anos, apresentando melhora das áreas de alopecia/rarefação pilosa em dorso, após alguns meses de tratamento com cannabis e sertralina.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os pacientes felinos podem ser afetados por várias condições de dor crônica, o que interfere na qualidade de vida do animal e gera mudanças comportamentais, impactando na saúde e bem-estar. Dentre elas, tem-se a hiperestesia felina, uma síndrome de difícil diagnóstico, uma vez que, sua etiologia e patogenia ainda são desconhecidas (5, 6). O caso relatado corrobora com esses autores, pois os sinais clínicos apresentados pelo animal tiveram início súbito e sem uma doença de base, apresentando somente as suposições das possíveis causas das crises.

Lesões prévias podem ser fatores predisponentes à hiperestesia felina e dor nevrálgica (2). Essa síndrome normalmente afeta animais mais jovens (média de um a sete anos), com maior prevalência em gatos machos (castrados ou inteiros), sendo que os episódios de crise tendem a ser intermitentes (7). Nesse relato há concordância com os autores em relação a predisposição à doença, uma vez que, se trata de um felino, macho, castrado, de dois anos de idade e com episódios intervalados.

O manejo da dor normalmente envolve uma abordagem multimodal, usando várias classes de medicações. A lógica por trás disso visa a utilização de doses baixas de medicamento, potencialização do efeito e redução dos efeitos colaterais. A escolha do medicamento baseia-se nos níveis de dor e nas necessidades individuais do paciente (8). O presente relato visa mostrar que cada indivíduo é único e responde de maneiras diferentes a uma mesma terapia, sendo observado que todos os tratamentos convencionais não apresentaram o efeito desejado, por isso foi necessário buscar alternativas para a melhorar a qualidade de vida do paciente.

Com relação a aromaterapia, esta é considerada a ciência que visa promover a saúde e bem-estar do corpo, mente e emoções pelo uso terapêutico de óleos essenciais extraído das plantas. A comunidade científica tem buscado maiores conhecimentos acerca das propriedades desses óleos, mas sabe-se que há descrição na literatura de suas atividades farmacológicas tais como a anticoncepciva, anticonvulsivante e hipotensiva (9). O uso da aromaterapia, no presente caso mostrou uma discreta resposta nos primeiros dias de uso. A vantagem da sua utilização se dá pela facilidade de aplicação, além da redução de efeitos colaterais dos tratamentos convencionais.

O uso de cannabis medicinal para dor crônica é de grande valia, uma vez que o sistema endocanabinóide está envolvido em todos os aspectos dos processos fisiopatológicos da dor (10). Há vários relatos de efeitos benéficos dos canabinóides na medicina humana, como em tratamentos para dor, inflamação, neoplasias, asma, glaucoma, epilepsia, artrite reumatóide e outras doenças. Já em animais, os efeitos ainda estão sendo estudados, mas a nível experimental foi notado benefícios para distúrbios cardiovasculares, tratamentos oncológicos, terapia para dor, distúrbios respiratórios ou metabólicos, entre outros (11). Uma vez que o paciente não respondeu aos tratamentos alopáticos convencionais, o uso de cannabis medicinal acabou sendo uma alternativa no seu tratamento.

Com isso temos que a síndrome da hiperestesia felina é de fato um desafio, tanto com relação ao seu diagnóstico quanto ao tratamento, necessitando de maiores estudos para compreensão da alteração e melhores opções terapêuticas. A resposta de cada paciente é única e é necessário buscar novas opções de terapia, visando o bem-estar do animal acometido e consequentemente melhora da sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

1. Batle PA, Rusbridge C, Nuttall T, Heath S, Marioni-Henry K. Feline hyperaesthesia syndrome with self-trauma to the tail: retrospective study of seven cases and proposal for an integrated multidisciplinary diagnostic approach. *J Feline Med Surg*. 2019;21(2):178-85.
2. O'leary DJ. A swallowed needle in a cat treated for feline hyperaesthesia syndrome. *Acupunct Med*. 2015;33(4):336-7.
3. Rusbridge C. Neurobehavioral disorders: the corticolimbic system in health and disease. *Vet Clin North Am Small Anim Pract*. 2020;50(5):1157-81.
4. Braga NS, Silva ARC. Acupuntura como opção para analgesia em veterinária. *Pubvet*. 2012;6(28):1435.
5. Monteiro BP. Feline chronic pain and osteoarthritis. *Vet Clin North Am Small Anim Pract*. 2020;50(4):769-88.

6. Amorim APG, Souza MFA, Brum KB. Uso de atropa belladonna como simillimum em um gato com suspeita de síndrome de hiperestesia felina. *Rev Educ Contin Med Vet Zootec.* 2018;16(2):84-5.
7. Epstein ME. Feline neuropathic pain. *Vet Clin North Am Small Anim Pract.* 2020;50(4):789-809.
8. Epstein M, Rodan I, Griffenhagen G, Kadrlik J, Petty M, Robertson S, et al. 2015 AAHA/AAFP pain management guidelines for dogs and cats. *J Am Anim Hosp Assoc.* 2015;51(2):67-84. doi: 10.5326/JAAHA-MS-7331.
9. Brito AMG, Rodrigues SA, Brito RG, Xavier-Filho L. Aromaterapia: da gênese a atualidade. *Rev Bras Plantas Med.* 2013;15(4):789-93.
10. Gamble L-J, Boesch JM, Frye CW, Schwarck WS, Mann S, Wolfe L, et al. Pharmacokinetics, safety, and clinical efficacy of cannabidiol treatment in osteoarthritic dogs. *Front Vet Sci.* 2018;5:165.
11. Landa L, Sulcova A, Gbelec P. The use of cannabinoids in animals and therapeutic implications for veterinary medicine: a review. *Vet Med.* 2016;61(3):111-22.

Recebido em: 26/12/2022

Aceito em: 26/06/2023